

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO  
CURSO DE JORNALISMO

GABRIEL AUGUSTO DE ABREU  
RENATO RINCO CAMPOS CORREA

**FUTEBOL AMADOR DE OURO PRETO:  
um olhar para a comunidade através do esporte**

Produto Jornalístico

Mariana

2019

GABRIEL AUGUSTO DE ABREU  
RENATO RINCO CAMPOS CORREA

**FUTEBOL AMADOR DE OURO PRETO:  
um olhar para a comunidade através do esporte**

Memorial apresentado ao curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Ouro Preto como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Evandro Medeiros

Mariana

2019

Catálogo na fonte elaborada pelo bibliotecário: Essevalter de Sousa - CRB6a. 1407

A162f Abreu, Gabriel Augusto de  
Futebol amador de Ouro Preto [filme cinematográfico]  
: um olhar para a comunidade através do esporte /  
Gabriel Augusto de Abreu, Renato Rinco Campos Correa.-Mariana,  
MG, 2018.  
48 f.+ 1 vídeo documentário: Futebol amador: um olhar para a

TCC (graduação em Jornalismo) - Universidade Federal  
de Ouro Preto, Mariana, 2019

1. Futebol - Teses. 2. MEM. 3. Comunidade - Teses.  
4. Monografia. 5. Documentário (Cinema) - Teses. 6.  
Filmes documentários - Teses. I. Correa, Renato Rinco  
Campos. II. Laia, Evandro José Medeiros. III. Universidade  
Federal de Ouro Preto - Instituto de Ciências Sociais  
Aplicadas - Departamento de Jornalismo. IV. Futebol  
amador: um olhar para a comunidade através do esporte.  
V. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 796  
: (815.1)  
: 1422786  
: 15

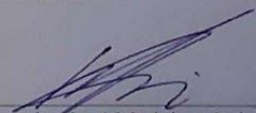
Gabriel Augusto de Abreu  
Renato Rinco Campos Correa

Curso de Jornalismo – UFOP

Futebol amador em Ouro Preto:  
um olhar para a comunidade através do esporte

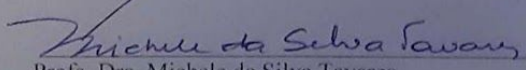
Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do Prof. Dr. Evandro José Medeiros Laia.

Banca Examinadora:



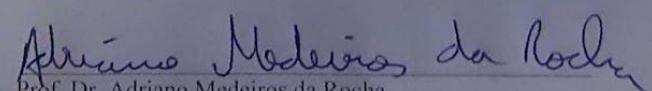
---

Prof. Dr. Evandro José Medeiros Laia



---

Prof. Dra. Michele da Silva Tavares



---

Prof. Dr. Adriano Medeiros da Rocha

Mariana, 18 de julho de 2019.

Este trabalho é para todos aqueles que de certa forma contribuem para que o futebol amador em Ouro Preto continue a cada dia mais forte.

## **Agradecimentos**

À Evandro Medeiros Laia pela sua orientação. À Cláudio Coração e Michele Tavares pelo direcionamento durante o trabalho. À Milton Alves dos Santos por nos ter aberto as portas do futebol amador na cidade. À Osmira e Jaqueline pelo suporte técnico. À Celso Peixoto pelas dicas pontuais no trabalho. À Fabiano Souza pelo belo trabalho de edição e auxílio nos recortes. Nossos agradecimentos em especial à todos os atores sociais que foram parte deste trabalho e que fizeram o possível para este documentário ser fiel à realidade apresentada. E além de todas as pessoas que influenciaram mesmo que indiretamente para que a realização do mesmo fosse concluída.

“The record shows, I took the blows.  
And did it my way”  
**Elvis Presley**

## RESUMO

Esse trabalho pretende apresentar a relação que as comunidades ouropretanas apresentam com o futebol amador, por meio de um registro audiovisual. Para isso será utilizado do produto documentário como forma de captar os acontecimentos que envolvem o objeto pesquisado de maneira que torne possível o registro dos sentimentos de pertencimento de cada um deles. A inspiração da Antropologia aparece por meio da observação participante e das entrevistas. A comunidade é um ambiente onde estabelecem relações familiares, geográficas ou afetivas, permitindo a compreensão dos atores sociais com o esporte a fim de entender a importância do futebol amador na relação social em que se estabelece. Estabelecemos um pré roteiro no qual determinamos diretrizes a ser seguidas, porém passíveis de mudança. A execução do projeto consiste na realização de entrevistas e na imersão por parte dos produtores na realidade documentada, de modo com que todas realizações do projeto serão capturadas.

**Palavras-Chave:** Documentário; Futebol Amador; Comunidade; Ouro Preto; Antropologia

## ABSTRACT

This work intends to present the relationship that Ouro Preto's communities present with amateur soccer, through an audiovisual record. For this purpose, the documentary product will be used as a way of capturing the events that involve the researched object in a way that makes it possible to record the feelings of belonging of each one of them. The inspiration of Anthropology appears through participant observation and interviews. The community is an environment where they establish family, geographic or affective relations, allowing the understanding of the social actors with the sport in order to understand the importance of amateur soccer in the social relation in which it is established. We have established a pre-script in which we determine guidelines to be followed, but changeable. The execution of the project consists of interviews and immersion by the producers in the documented reality, so that all project achievements will be captured.

**Keywords:** Documentary; Amateur Soccer; Community; Ouro Preto; Anthropology



**SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>1. A REALIDADE APROFUNDADA.....</b>	<b>11</b>
<b>2. LENTES TEÓRICAS.....</b>	<b>16</b>
<b>3. A REALIZAÇÃO DO FILME .....</b>	<b>23</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>38</b>

## INTRODUÇÃO

A Liga Esportiva Ouropretana (LEO) foi fundada em 1948 e é a entidade que cuida da regularização e realização dos jogos referentes ao principal campeonato de futebol amador da cidade de Ouro Preto e distritos. Atualmente ela conta com 41 clubes que são filiados, os quais são distribuídos entre os bairros de Ouro Preto e os distritos pertencentes ao município, os locais onde estão situados os times referentes à liga, aqui denominamos de comunidades. A Liga é filiada à Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e segue as regras padrões do futebol mundial.

Os jogos da comunidade acontecem por meio da disputa dos campeonatos de futebol amadores da cidade. Quatorze clubes fazem parte da primeira divisão, outros quinze são distribuídos na segunda divisão, além de doze clubes que compõem a liga distrital. A verba destinada aos clubes pela prefeitura de Ouro Preto, passa diretamente para Liga, sendo o presidente da LEO, Milton Alves dos Santos, quem faz os repasses financeiros aos times.

Direcionado para a comunidade, o futebol amador é fortemente ligado às relações dentro da mesma, se tornando um palco para as relações sociais que ocorrem fora de campo. Suas motivações podem ser familiares, quando a paixão pelo esporte é consanguínea, podendo ser também uma relação social, de modo que uma partida distrital possa ser um evento para os moradores locais. O futebol está enraizado na cultura ouropretana, considerando o longo tempo em que os times foram criados e até hoje suas histórias se perpetuam, sendo passadas entre gerações.

Escolhemos Rosângela Pimenta (2009) para nos nortear acerca do futebol por apresentar um recorte sobre o esporte que se assemelha ao pretendido pelo projeto: o poder do futebol amador de se estender a diferentes classes sociais e fornecer importantes elementos para compreensão de uma comunidade. Para isso, o produto escolhido foi a realização de um documentário, pois o mesmo viabiliza o entendimento das relações sociais pertencente ao tema, dado que cede maior temporalidade para sua execução e permite mostrar a realidade a ser registrada de maneira única. A linguagem documental faz contraponto à ficção, a qual escolhe o que vai representar e como isso ocorrerá, permite destacar os atores sociais em seu lugar de fala, em seu meio social realizando atividades as quais compõem os seus cotidianos.

A escolha da estética foi fundamentada por Bill Nichols (2010), acreditando-se que a modo expositivo irá propor a finalidade pretendida ao utilizar das imagens como

representação e confirmação do que é observado, e do comentário falado para interpretar a argumentação exposta a fim de que a produção das filmagens faça parte do pertencimento da comunidade e torne-se familiar para quem produz e para os espectadores.

Para isso, foram necessárias a realização de entrevistas e a observação participante dentro da região que estamos pesquisando. Para aprofundarmos sobre o tema e a situação do futebol amador em Ouro Preto, foi utilizado o método da Cartografia das Controvérsias (CC), referida por André Lemos (2013), que, basicamente, nos dimensionou sobre quais são as controvérsias existentes hoje entre a diminuição dos repasses financeiros, que acaba prejudicando o decorrer do campeonato. A CC foi utilizada também para averiguar quais são os contrapontos existentes dentro do futebol amador local, que faz com que se abram suas “caixas-pretas”, como mencionamos neste produto.

O momento pelo qual está passando a LEO hoje é delicado, porque o campeonato de 2018 se iniciou somente em outubro, em um formato de tiro curto, com o número de equipes na primeira divisão reduzido. Para agravar a situação, no dia 30 de outubro, a Prefeitura Municipal de Ouro Preto decretou calamidade financeira do município, pondo em risco a realização do torneio no ano de 2019, visto que é a mesma quem faz os repasses financeiros para Liga. Dado isso, nossa realização do projeto foi dinâmica e aberta, por consequência de que não saberíamos como seria o futuro do campeonato no ano de 2019. Desta forma, elaboramos um pré-roteiro para nos nortear e nos dar uma base, mas o mesmo não pode ser fielmente seguido devido aos acontecimentos que surgiram durante as captações de imagem.

Na primeira gravação, o jogador e traficante de drogas Sonny Clay Dutra, o qual jogava pelo Peñarol, clube que observamos, foi preso, afetando assim a relação após o ocorrido entre os integrantes da equipe com pessoas que fossem filmar algo do clube. Isto se agravou quando o programa Fantástico da Rede Globo de Televisão fez uma reportagem sobre o ocorrido, os produtor e repórter da emissora foram atrás de nossas imagens, porém não cedemos devido à importância deste produto e da não veiculação de nossas imagens antes do trabalho ser concluído.

O destino nos premiou com a final da Copa Ouro Preto de Futebol Amador que acontecia no momento das gravações, a qual foi disputada por dois times que escolhemos de possíveis 41 dentro da Liga Esportiva Ouro Pretana.

## 1. A REALIDADE APROFUNDADA

O futebol amador está fortemente enraizado nas comunidades de Ouro Preto. A modalidade esportiva na cidade é gerenciada pela Liga Esportiva Oupretana (LEO), uma entidade civil de direito privado, com personalidade jurídica e sem fins lucrativos. A liga é responsável pela organização do campeonato amador de futebol que envolve os bairros e distritos de Ouro Preto. Atualmente existem 41 clubes filiados a entidade, divididos em três categorias: 14 clubes ranqueados na Primeira Divisão, 15 clubes ranqueados na Segunda Divisão e 12 clubes ranqueados no Campeonato Distrital. Cada clube possui sua própria sede, estatuto, patrocinadores, uniforme e é composto por: presidência, diretoria, comissão técnica, comissão jurídica, funcionários e jogadores. Os jogadores são subdivididos em categorias de acordo com suas respectivas idades: categoria de base, categoria adulta e futebol feminino. A liga já contou com a categoria veteranos, porém o mesmo não acontece por falta de recursos financeiros.

A Liga possui 70 anos de existência e é mantida através de dois tipos de arrecadação financeira: a primeira é a arrecadação tributária da LEO, proveniente da filiação de clubes e atletas, transferência de atletas e anuidade dos clubes. A segunda são os subsídios públicos: repasses que o município faz para que a Liga preste serviço à comunidade. Ela é filiada à Federação Mineira de Futebol (FMF), a qual é filiada a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), que por sua vez é filiada a Federação Internacional de Futebol (FIFA), sendo assim, a Liga Esportiva Oupretana tem que seguir os critérios do futebol mundial<sup>1</sup>.

Os clubes simbolizam uma paixão que está diretamente ligada ao lugar de pertencimento das pessoas que os envolvem. Eles possuem em si, a dedicação de seus atores sociais, que, em sua rotina, colaboram para que o time se mantenha ao longo do tempo, além de criarem um sentimento de identificação com a comunidade. As comunidades carregam suas histórias, e dentro delas, suas próprias tradições. O Brasil carrega uma tradição futebolística em suas famílias, que faz com que participem ativamente do esporte. Com o futebol amador não é diferente, a relação dele com a comunidade é passada de geração em

---

<sup>1</sup> Estas informações foram apuradas durante a primeira entrevista realizada em vídeo, com o presidente da LEO, Milton Alves dos Santos, no dia 16/10/2018. Decidimos que este material deveria ficar de fora da edição final, entre outros motivos, pela baixa qualidade de captação, mas também pela perspectiva adotada posteriormente no trabalho.

geração, sendo assim, os pais são atuantes diretos nas equipes, e seus filhos seguem seus passos, os acompanhando nos estádios e ingressando nas categorias de base.

O futebol é um esporte democrático, no qual não é preciso de tantos recursos para se realizar, fazendo dele um esporte popular em qualquer lugar do mundo. Segundo o presidente da LEO, Milton Alves dos Santos, “o futebol concentra em suas fileiras: branco, preto, pobre, feio, bonito, rico, doutor, analfabeto, pessoas inseridas em qualquer meio social, fazendo desse esporte o mais barato que existe, já que precisa somente de uma bola e uniforme.” Dentro dos distritos de Ouro Preto, o futebol amador é mais que apenas uma partida, ele se torna uma atração para a população local nos finais de semana. Isso acontece porque o time local em sua grande maioria apresenta uma relação próxima entre jogadores e comunidade. Sendo as partidas, palco para confraternizações familiares.

A comunidade é um local onde se estabelece relações. Essas relações podem ser entendidas como familiares, geográficas ou afetivas. Segundo Antônio Carlos de Oliveira Carvalhal (2010), em seu trabalho de pós graduação em Comunicação Social, intitulado de Comunicação comunitária: uma relação dos principais conceitos,

Na comunidade os homens são unidos e vivem em conjunto baseados nas relações pessoais naturais, ou seja, a comunidade é um ambiente natural de interação e as relações também se dão de maneira natural. Pode-se dizer então que, naturalmente, o homem possui o instinto inato de viver em comunidade, sendo considerado um ser gregário. É exatamente esse gregarismo que funciona como força central da formação comunitária (CARVALHAL, 2010, p.50)

Dentro dessa relação natural, o futebol se torna um interesse em comum dentro da comunidade inserida, já que ela é passada dentro das famílias e das pessoas que convivem no mesmo local. Tendo em vista isso, o sociólogo Ferdinand Tönnies Rumo (1995 *apud* CARVALHAL, 2010), explicita em sua obra que as comunidades são representadas através dos elos comuns de lugares ou pela relação com os antepassados familiares. Ele fala que este tipo de comunidade coexiste com a comunidade de sangue, ou seja, ela é intrínseca à família.

Essa relação faz com que a comunidade entre em consensos relacionados com demandas pertencentes ao local em que convivem, como, por exemplo, o futebol amador. Tendo em vista essa afirmação, de acordo com Carvalhal:

Todas essas relações e interações acabam por criar um respeito mútuo entre os membros, sem a necessidade de transformá-las em regras, ou seja, têm-se um pacto tácito. Por isso os sentimentos recíprocos enquanto vontade própria da comunidade são denominados de consensus (consenso), e “representa a força e a solidariedade

social particular que associa os homens enquanto membros de um todo” (TÖNNIES, 1995, p.243). (CARVALHAL, 2010, p.55)

A comunidade conduz esse laço social de respeito e consenso mútuo para seu cotidiano. Isso faz com que o futebol, dentro do meio social onde ele está inserido, seja relacionado com as relações sociais e convivências familiares. Tais convivências se entrelaçam dentro de um mediador que é o futebol amador dentro da comunidade. Para explicitar o quão forte são essas relações e a proporção que elas tomam entre seus atores sociais,

Pode-se então observar que na comunidade as relações sociais são naturais, fortes, heterônomas, e se dão da maneira mais perfeita através dos laços sanguíneos, já que a família é o melhor exemplo de comunidade, e se espalham pela vizinhança, pela localidade. Nela, as pessoas mantêm relações naturais, emocionais e se identificam culturalmente, encontrando na localidade um ponto de referência. Nesse caso a palavra comunidade carrega não somente um sentido de localidade geográfica, mas sim um sentimento de pertença, de acalento, de segurança. Todos possuem suas individualidades, mas respeitam-se reciprocamente pela preservação da unidade comunitária, ou seja, pode-se dizer que partem do pressuposto básico de que suas liberdades acabam quando começa a liberdade dos outros, sempre zelando pelo bem comum. (CARVALHAL, 2010, p. 56)

A partir deste conceito de comunidade, nós escolhemos como objeto do nosso projeto, o futebol amador dentro das comunidades de Ouro Preto, e como se dá a relação entre os atores sociais no seu cotidiano, juntamente com o futebol que se torna, além de uma prática esportiva local, um momento de relacionamento entre a cultura dos bairros e distritos da cidade. Essas mesmas, carregam dentro do esporte uma relação afetiva entre os times locais, que se relacionam com as histórias sociais e familiares ouropretanas.

Para fazer o recorte necessário que aprofunde com o objetivo citado acima, foi decidido seguir por dois caminhos. O primeiro é averiguar a situação do campeonato, e como ele é executado atualmente. O outro ponto é investigar como é a relação dos clubes com a realidade social na qual estão alocados, além da sua representatividade e influência que eles exercem dentro de suas respectivas comunidades.

Os clubes a serem abordados neste trabalho foram escolhidos de modo a mapear as representações de poder, afetividade, grandeza e reconhecimento. O clube que é a representação de poder no nosso recorte é a Associação Atlética Aluminas, clube que foi mais vezes campeão do campeonato disputado pela LEO, com 25 títulos conquistados. O clube que representa a afetividade é o Treze de Maio Esporte Clube, time de maior expressão em Ouro Preto, e o único que possui uma torcida organizada. A grandeza é o recorte que usaremos para

evidenciar a equipe mais antiga, que ainda se mantém ativa. O Cruzeiro do Sul Futebol Clube, fundado em 21 de abril de 1922, é mais velho do que a própria Liga Esportiva Ouropretana. E por fim, como expressão do reconhecimento, investigaremos porque o clube mais novo da Liga, o Peñarol Futebol Clube, se inseriu no campeonato de futebol amador local.

Para acessar o objeto, utilizaremos o método da Cartografia das Controvérsias, que consiste em mapear o local que iremos observar através dos conflitos existentes no mesmo. A CC, como é referida por André Lemos (2013), é uma metodologia que busca compreender as relações sociais através dos problemas que aparecem em um conflito.

Onde há estabilização, só há intermediários. Onde há controvérsia, há mediadores, actantes. Consequentemente, a CC pode ser entendida como um método de pesquisa para revelar as mediações, como uma versão aplicada e didática da TAR<sup>2</sup>, tendo sido adotada em várias universidades europeias e americanas. (LEMOS, 2013, p.105 e 106)

Ainda, de acordo com Lemos, a controvérsia é:

o momento ideal para revelar a circulação da agência, a mediação, as traduções entre actantes, a constituição de intermediários, as relações de força, os embates antes de suas estabilizações como caixas-pretas. Na controvérsia, negociações se estabelecem e engajamentos são desenhados para futuras resoluções. (LEMOS, 2011, p.106)

Perante isso, escolhemos como ponto de entrada a identificação dos problemas que envolvem a LEO e os clubes pertencentes ao campeonato, com o objetivo de abrir essa caixa-preta de problemas existentes devido ao impasse das verbas que seriam repassadas aos clubes e à Liga. Como afirma Venturini (2010), citado por Lemos (2013, p.106), “quando finda a controvérsia, cristalizam-se as ações, enrijecem as relações, estabilizam-se os problemas e só aguardando novos acidentes poderemos ver as caixas-pretas voltarem a se abrir e delas saírem novos problemas”.

Para identificarmos os problemas que estão saindo da caixa-preta das controvérsias existentes na questão que envolve os clubes e a Liga Esportiva Ouropretana, utilizaremos os métodos propostos por Bruno Latour, na visão de André Lemos:

O cartógrafo do social deve ir ao seu território fazendo notas, planos esboços. Os mapas são feitos a partir de ajuste entre as observações e as descrições. Eles não são o território observado, mas representação e encadeamento de referências que não associam as palavras e as coisas. (LEMOS, 2013, p.117) .

---

<sup>2</sup> Trata-se da Teoria Ator-Rede, desenvolvida pelo francês Bruno Latour, partindo do princípio de que a sociedade se organiza em redes de relações.

Ao verificar todas as edições do campeonato da Liga Esportiva Ouropretana, identificou-se a não realização do mesmo em 1968, 1969 e 2017. Em apuração, foi descoberto que nos anos de 68 e 69, o campeonato foi pausado para a construção do Campo da Barra, principal espaço de realização dos jogos da Liga. Já em 2017, não houve competição devido ao não pagamento de um repasse estimado em R\$ 256 mil por parte da prefeitura de Ouro Preto, o que deixou em dúvida a realização do torneio no ano de 2018. Junto a isso, não houve também o pagamento por parte da LEO à arbitragem, vindo a decorrer um boicote, comprometendo a relação da Liga com os árbitros locais.

Em 2018, não houve a realização dos campeonatos da base, e, para manter a tradição da competição que realizava sua septuagésima edição neste ano, após longa negociação entre os presidentes das equipes, LEO e prefeitura, foi de acordo entre os clubes, o cancelamento de R\$ 100 mil da dívida, e os outros R\$ 156 mil foram divididos em seis parcelas. A prefeitura então realizou um contrato novo com a Liga, submetido à apreciação dos clubes. O mesmo teve seus termos alterados no que diz respeito ao repasse feito pela prefeitura aos clubes, o qual diminui pela metade, o que antes era de R\$ 6 mil, passou a ser de R\$ 3 mil para cada uma das equipes. No mês de setembro, com a realização do repasse da primeira parcela, foi possível realizar o campeonato adulto, em um espaço de tempo mais curto, o que antes era em um ano, acabou sendo feito em dois meses, houve clubes que não participaram por não disporem de condições financeiras, além de se manifestarem insatisfeitos com a realização do campeonato somente ao final do ano de 2018.

Esses contratempos impactam a vida das pessoas que estão diretamente ligadas ao esporte, de modo que o futebol amador é a única prática esportiva realizada pelo seus atores sociais e que a paixão por jogar pelo clube é ameaçada devido ao possível cancelamento do campeonato. Apesar de a Liga passar por uma fase difícil, novos campeonatos foram criados para suprir a necessidade de um calendário esportivo na cidade. Um deles foi a Copa Ouro Preto de Futebol Amador criada pela própria Prefeitura Municipal de Ouro Preto através da secretaria de esportes. Sua primeira edição ocorreu no mesmo ano de 2018.



## 2. LENTES TEÓRICAS

O futebol é o esporte mais praticado no país. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) realizada pelo IBGE (2017) em 2015, no Brasil, 15,3 milhões de pessoas praticam o futebol e o têm como esporte favorito. Isso representa 39,3% dos 38,8 milhões de brasileiros praticantes de esportes.

O futebol amador é um termo usado nacionalmente, conhecido também como futebol de várzea, como Rosângela Pimenta (2009) afirma, na dissertação “Desvendando o Jogo: o futebol amador e a pelada na cidade e no sertão”:

embora seja uma prática esportiva amadora, procura manter uma estrutura que se espelha no futebol em geral. Os times, em geral, contam com uma diretoria, presidência, diretoria técnica - alguns deles, inclusive, com registro em cartório; muitos possuem sede, mesmo que esta seja na casa do presidente; os dirigentes procuram os melhores jogadores, alguns em bairros distantes, e estes, em geral, recebem dinheiro para atuar - para os dirigentes é importante montar um time competitivo, contando para isso com a contribuição financeira de sócios e doações de torcedores e comerciantes do bairro. (PIMENTA, 2009, p.19)

Assim, como no futebol profissional, as torcidas também são ativas no campeonato amador, acompanhando os times nos campeonatos locais que participam. Esses campeonatos seguem as normas de jogo consideradas “universais”. O futebol amador necessita de mais estudos e por isso, Pimenta (2009, p.20) menciona que:

surge uma multiplicidade de elementos que ajudam a compor o imenso mosaico do futebol amador e das “peladas”, como por exemplo: as relações de gênero, o comércio informal, a relação dos times amadores com o poder público, a participação e o estatuto dos jogadores profissionais em times amadores, a organização em ligas amadoras, dentre outros elementos da prática amadora do futebol e das “peladas” que requerem novos estudos e pesquisas.

Desde quando chegou ao Brasil, trazida pelos ingleses no final do século XIX, a prática futebolística se estendeu a povos de diferentes classes sociais, visto que são necessários poucos recursos para praticá-lo, e portanto, abrange o ambiente amador, o qual não demanda profissionalismo no modelo existente atualmente. O futebol iniciou a sua popularização a partir de 1920, porém existia uma dicotomia entre o seu espaço no Brasil. Graciliano Ramos (PIMENTA, 2009, p.24) criticava o esporte dizendo que seria somente um “estrangeirismo passageiro”. Outros autores afirmavam que o esporte, sendo praticado por todos, fazia com que o encontro de diferenças que ocorrera no Brasil fosse boa para o futebol. Mário Filho (2003 *apud* PIMENTA, 2009, p.25), em sua obra “O Negro no Futebol

Brasileiro”, mostra o quão foi importante o futebol amador para a comunidade negra na época, dizendo que “o futebol amador aparece apenas como local de ‘formação’ do jogador de futebol negro, mulato e do branco pobre, que era excluído dos clubes de elite”.

Segundo Pimenta (2009, p.28), “o futebol amador poderá fornecer importantes elementos para uma compreensão de nossa sociedade”. Esse argumento nos legitima acerca de nosso tema produzido porque, como afirmamos em nosso título, um olhar para a comunidade através do futebol é uma forma de mapear as relações desta comunidade. Essa ideia é defendida por Pimenta (2009, p.36), fomentando o argumento de que o futebol é passado de geração para geração:

A estrutura do futebol amador é marcada também por relações familiares, de tal modo que muitos filhos herdam um time de futebol de seu pai. Não quero com isso afirmar que todos os times possuem relações de parentesco, mas em muitos deles irá prevalecer essa herança, seja de pai para filho, de irmão, de tio para sobrinho, ou de outras relações de consangüinidade.

Acerca de estabelecer essas relações com um gênero que permite transmitir a realidade local juntamente com o sentimento envolvido pelos atores sociais, de forma transparente e concedendo maior liberdade de execução do projeto, a definição do produto ser um documentário é pertinente porque viabiliza a construção da narrativa espelhada na realidade abordada, além de conceder maior tempo para apuração e realização do projeto.

A linguagem documental define-se como sendo a maneira com que o documentarista expressa o seu ponto de vista sobre aquilo que se busca documentar. Tal gênero permite contar a mesma história de formas diferentes, ele representa uma das diversas visões de mundo que provavelmente nunca se tenha pensado ou se deparado antes, mas sempre com um ponto em comum: a representação do real. Andréa França (2008) em seu livro “O cinema entre a memória e o documental”, expressa a ideia de que:

De fato, a história do cinema documentário mostra que este campo sempre se defrontou com o espectro da objetividade, da verdade da representação, da transparência, de modo que o lugar do espectador destas imagens pudesse ser o lugar estável daquele que aceita e acredita no mundo do filme como sendo real. (FRANÇA, 2008, p.4)

Complementado o argumento de França, Fábio Figueirinha Silveira (*et al*, 2018), em “Videodocumentário e memória: relações e reflexões”, alega que:

os documentários sustentam-se em histórias, argumentos e técnicas, que, no audiovisual, têm apoio do áudio e vídeo, e permitem construir uma nova realidade. Assim o cineasta traz, através das suas variações de imagens coletadas, uma nova

visão aos espectadores, a partir da sua própria perspectiva, enquanto testemunha de uma história ou fato. (SILVEIRA *et al*, 2018, p.3)

O documentário pode abordar diversos temas, porém sua missão é sempre a mesma: chegar até seu público, criando uma relação pertinente com ele e proporcionando novas visões do mundo em que está inserido. Ele é então produto resultante do encontro entre o documentarista e a realidade que ele observa. Seu objeto pode ser uma pessoa, um personagem, um lugar ou um fato ocorrido e seu objetivo sempre foi associado à comunicação de ideias em primeiro lugar, e aos valores do entretenimento em um distante segundo lugar (DANCYGER, 2007). De forma diferente do filme dramático, os objetivos do documentário não são o entretenimento e, em muitos momentos, o sucesso econômico.

A principal diferença do documentário em relação a outros gêneros é que ele trabalha com o mundo histórico de uma forma própria, possibilitando a capacidade de atuar no mesmo e assim criar um novo jeito pelo qual esse mundo é notado (SILVEIRA *et al*, 2018). Mas não é só isso, nos filmes de ficção as pessoas são chamadas de atrizes e realizam o que é de interesse, aquilo que se deseja, já no documentário as pessoas são tratadas como atores sociais: são filmadas pessoas reais, em situações reais, fazendo o que elas geralmente fazem (NICHOLS, 2005).

A escolha do produto teve base na proposta de destacar os atores sociais em seu lugar de fala, a fim de que a produção das filmagens faça parte do pertencimento da comunidade e torne-se familiar para quem produz e para os espectadores: “um tipo de imagem que se define na singularidade do ser que olha para a tomada, através da figura, e nela encontra a experiência do seu ser no mundo, conforme nele enxerga, no passado, aquilo que foi viver sua vida.” (RAMOS, 2008, p. 63).

O ambiente de apuração foi diferente do que estávamos acostumados, visto que o procedimento de filmagem contou uma história da qual não fazíamos parte, para isso, fazer o máximo número de apuração e pesquisa de conteúdo vai tornar mais similar a realidade dos atores sociais.

Essa ancoragem no real vai encontrar seus procedimentos essenciais sempre na busca de sua legitimação entre depoimentos, entrevistas, tomadas in loco, imagens de arquivo, imagens gráficas etc., o filme reunirá e organizará uma série de materiais para formar uma asserção sobre determinado fato, que é externo ao universo do realizador. (PUCCINI, 2011, p.24).

Dito isso, o produto conta com os três tipos básicos de materiais de documentário, definidos por Bruce Block (2010, p.278): filmagens prontas encontradas em pesquisa, filmagens de situações controladas e filmagens de situações não controladas. A filmagem pronta trata de fotografias, filmes ou vídeos existentes que foram feitos por outras pessoas, sempre atentando para a estrutura visual narrativa que está sendo construída, de modo a manter uma coerência estética. A filmagem de situações controladas permitirá administrar os componentes visuais almejados. O processo de filmagens cede espaço para situações às quais não se pode prever o que irá acontecer, e se vai acontecer, que são as filmagens de situações não controladas. Com a união desses elementos, objetiva-se fazer com que os atores sociais participantes, ao assistirem o produto, se sintam representados.

Diante de tais possibilidades, Nichols (2010) define seis subgêneros de videodocumentário, os quais indicam maneiras, modos de produzir ou representar um documentário, são eles: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático. No modo poético, enfatiza associações visuais, qualidades tonais ou rítmicas; há uma maior preocupação com a estética do que se está documentando do que com a história em si. Enfatiza-se mais o estado de ânimo, o tom e o afeto do que as demonstrações de conhecimento ou ações persuasivas.

Já o modo expositivo enfatiza o comentário verbal e uma lógica argumentativa. Ele propõe expor argumentos diretamente ao espectador, buscando recontar a história utilizando de imagens para reafirmá-la. Em geral, possuem a “voz de Deus”, trata-se de uma narração em off, onde o orador é ouvido mas não é visto. Os documentários expositivos dependem de uma lógica informativa transmitida oralmente.

Os filmes observativos caracterizam por mostrar os fatos como eles são e buscam apresentar a realidade tal como ela é, evitando qualquer interferência que impeça a captação da mesma no filme, com o efeito de câmera discreta. Eles enfatizam o engajamento direto no cotidiano das pessoas e possuem maior capacidade de mais transmissão da sensação do real. Quando o cineasta interage com o tema abordado e vive a experiência documentada, trata-se do modo participativo, no qual o documentarista se insere na realidade filmada. Nele a filmagem acontece em entrevistas ou outras formas de envolvimento ainda mais direto.

O modo reflexivo tem como objetivo problematizar a situação que está sendo documentada, chamando a atenção do espectador para hipóteses e convenções. O documentário reflexivo estimula no assistente uma forma mais elevada de consciência a

respeito de sua relação com o documentário e aquilo que ele representa. E por fim, o modo performático. Ele discute questões relacionadas ao conhecimento rejeitando ideias de objetividade em favor de evocações e afetos. Possui um impacto emocional e social sobre o público ao evidenciar como o conhecimento pode levar à compreensão da sociedade.

Diante dos modos de representação apresentados por Nichols (2010), acredita-se que o modo expositivo irá propor a finalidade pretendida, de modo que evidencie a rotina dos atores sociais e que possa suprir a necessidade de recursos visuais pertencentes ao tema. Apesar de não usar a “voz de Deus” como recurso para narrar as imagens da realidade filmada, o documentário se mantém de modo expositivo devido a fidelidade da representação do cotidiano do futebol amador. A linguagem documental permite que seus realizadores disponham da liberdade estética que está disponível mesmo com limites políticos e ético, além de experimentar misturas de som e imagens que capturam descobertas que eles acham úteis.

O documentário em si é uma plataforma que viabiliza o entendimento das relações sociais que estão presentes em uma cultura local. Para o produto ser representativo para seus participantes, tanto quem realiza o documentário, quanto quem participa do futebol amador dentro da comunidade, deve se inserir dentro das relações culturais observadas. Para isso, realizamos entrevistas e observação participante, de modo que foi necessário utilizar da antropologia para mapear os contextos sociais que observamos dentro do projeto.

O conceito de cultura só foi concebido no século XIX pelo antropólogo britânico Edward Tylor, que em sua teoria diz que a cultura é “todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. (LARAIA, 1986, meio digital). Sendo assim, é possível identificarmos o conceito de cultura em qualquer atividade social realizada em uma comunidade. Laraia, em um outro momento, cita que o humano é o único ser possuidor de cultura, e que o “anjo caído” como por ele fora chamado, foi “diferenciado dos animais por ter ao seu dispor duas notáveis propriedades: a possibilidade de comunicação oral e a capacidade da fabricação de instrumentos” (LARAIA, 1986, meio digital).

O ser que possui a capacidade da comunicação oral e fabricação de instrumentos é responsável também por criar hábitos culturais dos quais todas as sociedades que compartilham o mesmo lugar também realizarão. Laraia define o homem da seguinte forma:

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade. (LARAIA, 1986, meio digital).

Para compreender como essa relação da cultura se solidifica com o tempo, é preciso entender como se mantém a relação no local que está sendo estudado. Luiz Felipe Benites (2007) expõe a visão do britânico Bronislaw Malinowski sobre a etnografia como o método a ser utilizado para a aproximação da cultura:

A etnografia deveria consistir em uma investigação intensiva e de longa duração na qual o etnógrafo teria a necessidade de viver no local em que realiza o trabalho de campo, aprendendo a língua nativa e, assim, criando condições para observar o cotidiano na vida dos “nativos” sem desprezar qualquer um de seus aspectos. O objetivo da etnografia consistiria, a partir desta perspectiva, em dar conta da totalidade da vida tribal por meio da reconstituição da estrutura social, do registro dos “imponderáveis da vida real e do comportamento típico” (MALINOWSKI, 1978: 31). (BENITES, 2007, p.120-121)

O ato de observar a cultura local faz com que se entenda como é a relação local entre seus participantes, de modo com que se entenda sua rotina como comunidade e seus modos de pensar e sentir. Para compreender essa relação, Benites (2006, p.5) menciona que

Compartilhar da intimidade cultural ‘nativa’ é, então, o efeito da constituição de uma modalidade de relacionamento permanentemente negociada e limitada cujos desdobramentos modelarão indubitavelmente o conhecimento elaborado por meio da etnografia.

Para conseguir compreender essa relação cultural, é necessário estar dentro do meio que está sendo estudado. Benites (2006, p.121) afirma que “o que está em jogo é situar-se, ocupar um local em que possa ser afetado pelas mesmas forças que incidem sobre os nativos”.

Conseguir essas informações é uma tarefa de quem está em campo, e para isso existem algumas técnicas existentes dentro da antropologia, como a observação participante, o diário de campo, os grupos focais, a entrevista e outras possibilidades que, articuladas, integram a Cartografia das Controvérsias (LEMOS, 2013), como já citamos em um momento anterior.

Vamos focar agora na observação participante. Ela é aceita como método central e definidor na pesquisa em antropologia cultural. A observação participante é realizada pelo contato direto com o local, sendo frequente e prolongado o acesso à região estudada. Assim como citamos Benites (2006), a observação participante de fato prevê a participação do pesquisador nos papéis e hábitos dos grupos observados. E também, como menciona

Malinowski, existe a necessidade de se conviver com os “nativos”, porque somente assim seria possível se colocar na comunidade de maneira a não ser mais notado.

A entrevista foi um método que utilizamos em quase todas as idas aos campos. Segundo João Bosco (1974), a entrevista é um método de coleta de informações, que se une a observação e a documentação.

Para Bosco (1974), a entrevista tem a capacidade de analisar sentimentos, para o papel do observador atento, para funcionar numa situação não estruturada, se aproximar de estranhos e participar de uma grande variedade de bate-papos. É importante na técnica de entrevista, deixar o entrevistado a vontade, de forma com que ele expresse seus sentimentos além da fala. Bosco (1974) cita como é importante observar como o entrevistado reage às perguntas, o seu tom de voz, as suas hesitações e suas reações com o entrevistador.

É dentro da observação participante que as questões foram mapeadas. A Cartografia de Controvérsias entrou nesse momento da pesquisa para identificar os problemas inseridos na comunidade e, assim, tornar possível a análise dos problemas que saíram da “caixa-preta”. A partir desse momento que conseguimos fazer nosso corte epistemológico.

### 3. A REALIZAÇÃO DO FILME

As características pretendidas no documentário são relacionadas com o sentimento dos atores sociais presentes. Pretendeu-se com os registros feitos pela câmera aprofundar a relação entre o futebol amador e a paixão vivida pelas pessoas que o cercam. Como ponto de partida para uma pesquisa pré-roteiro, elaboramos uma lista de potenciais entrevistados e um roteiro para nortear as perguntas. O questionário realizado teve como base a nossa introdução ao conhecimento da realidade a qual pretendíamos inserir e documentar.

Entramos em conversa com o presidente da Liga Esportiva Oupretana, Milton Alves dos Santos, para entender a fundo a atual situação da liga e dos clubes participantes. Foram necessárias três tentativas para a realização da entrevista. As duas primeiras foram mal sucedidas devido à remarcações feitas por Milton, alegando imprevistos com o início do campeonato. Na terceira tentativa, o entrevistamos na sede da Liga Esportiva Ouro Pretana, dentro da sala onde são feitas as reuniões do campeonato e rica em conteúdos visuais como: a logo da liga, troféus e bandeiras do Brasil, de Minas Gerais e de Ouro Preto.

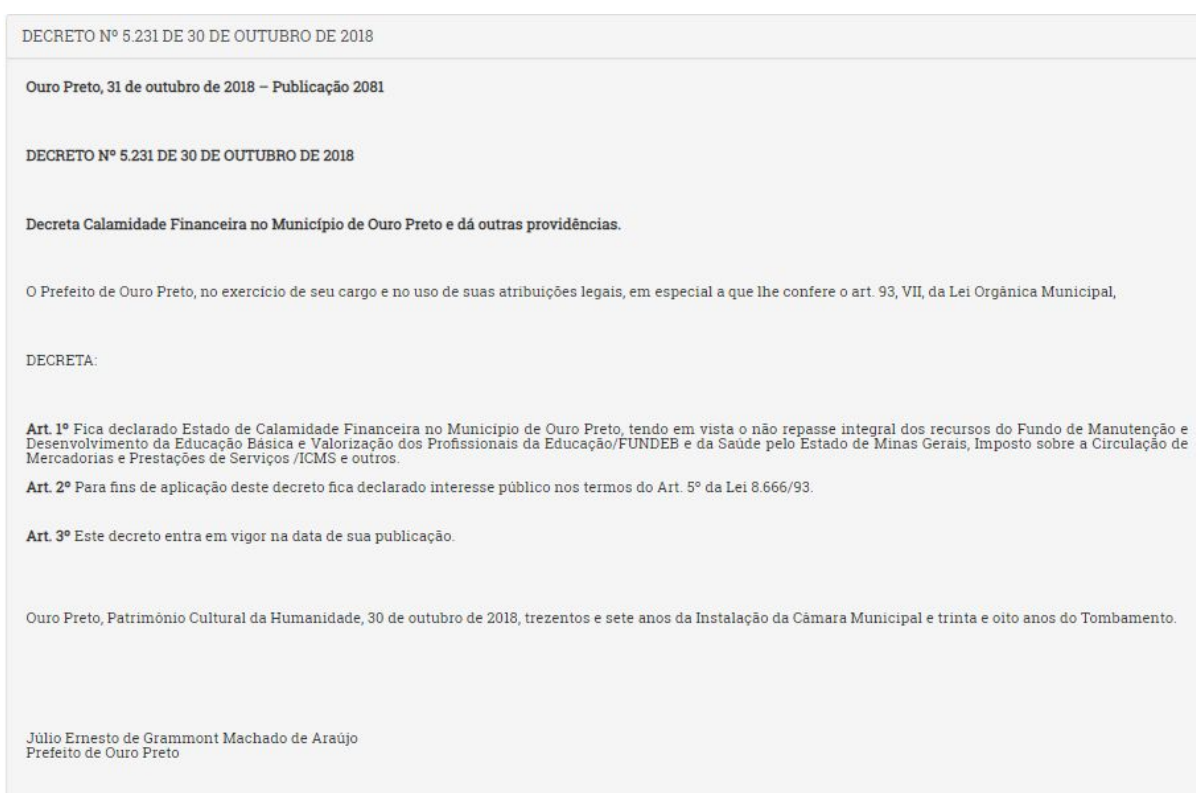
Santos é responsável pela realização do campeonato da Liga e faz o intermédio entre a Prefeitura Municipal de Ouro Preto e os clubes filiados a LEO, portanto ele é figura importante para o cenário esportivo ouopretano. As perguntas iniciais tiveram como objetivo entender um pouco da história da Liga, sua estrutura de funcionamento e o atual momento vivido pela instituição, sendo as demais perguntas realizadas de acordo com desdobramento da conversa. Foi então apurada a existência de uma dívida do repasse municipal, no valor de R\$256 mil, a qual impediu o acontecimento do campeonato no ano de 2017, sendo a primeira vez que isso aconteceu por falta de recursos financeiros; além de representar um risco para a execução do campeonato de 2018.

O campeonato de 2018 foi exceção no modelo que era praticado pela Liga, havendo apenas a segunda divisão com todos times participantes. O motivo foi pelo repasse financeiro ter sido feito apenas em Setembro, permitindo a realização do mesmo no mês seguinte. Seu acontecimento foi devido a aceitação do cancelamento de metade das dívidas da Prefeitura com a Liga e a diminuição das verbas destinadas aos clubes para metade, ou seja R\$3 mil para cada um deles. O torneio de 2019 teve sua execução ameaçada devido ao dado que a prefeitura de Ouro Preto lançou em seu diário oficial, no dia 31 de outubro de 2018,



publicação de número 2081, decreto Nº 5.231<sup>3</sup>, que informa a situação de calamidade financeira do município.

Decidimos dar início às gravações antes mesmo da conclusão do pré-roteiro, por conta da necessidade de adquirir informações acerca da situação do campeonato de 2018 e buscar entender as circunstâncias com as quais nos depararíamos ao nos aprofundarmos na realidade documentada, visto que a situação do torneio do principal de 2019 poderia ser incerta, devido a calamidade financeira anunciada pelo município de Ouro Preto, de acordo com o Decreto no 5.231 (Figura 1).



**Figura 1:** Captura de tela do Diário Oficial da Prefeitura de Ouro Preto

**Fonte:** Site Transparência da Prefeitura de Ouro Preto ([www.ouopreto.mg.gov.br/transparencia](http://www.ouopreto.mg.gov.br/transparencia))

O documentário foi resultado de um trabalho de montagem, que foi feito valendo-se de muito material filmado, de diferentes angulações, para o melhor entendimento do material e, posteriormente, disponibilizar de um número significativo de conteúdo que cedesse

<sup>3</sup> <http://www.ouopreto.mg.gov.br/transparencia/index.php?tipo=&q=calamidade+financeira&ano=&page=pesquisa-diario>.

margem ao imprevisto e ao improviso, e assim sendo possível uma seleção e estruturação dos eventos captados dentro de uma ordem que necessariamente encontrou seu começo e seu fim.

Através de filmagens do jogo, evidenciamos o esporte como um ator capaz de unir pessoas de diferentes classes sociais, gêneros, raça e ideologias em prol de um único objetivo, a permitir demonstrar os sentimentos que envolvem a atmosfera da partida. Gravamos momentos dentro das sedes dos times que mostram o legado do clube, e expomos a relação desse legado com os novos jogadores, vinculando suas representatividades para a história da comunidade e da equipe, além de buscar uma espécie de árvore genealógica dentro do clube que demonstrasse a relação entre as gerações das famílias no futebol.

Foram utilizadas imagens de arquivos dos atores sociais que participaram do documentário. O mesmo contou com plano detalhe, o qual evidenciou as emoções dos participantes. Planos abertos situaram o espectador no clima que cerca a narrativa. Contou com entrevista de pessoas diretamente ligada aos clubes, as quais têm seu lugar de pertencimento na comunidade em que se insere e compõe o cenário esportivo. As entrevistas destacou as divisões baseadas nas principais características dos clubes escolhidos: poder, afetividade, grandeza e reconhecimento; e nas quais acreditou-se demonstrar o cenário investigado com completude. Além das imagens não controladas, aquelas que cedem margem ao imprevisto e ao improviso, as quais não sabíamos como e quando iriam ocorrer, e se iriam acontecer.

A realização deste documentário visou alcançar a realidade dos atores sociais presentes no objeto de estudo por meio de gravações, coletas de informações e momentos que fossem dramático, atraente e interessante. A intenção da narrativa construída é fazer que quem assista se sinta representado pelo trabalho por meio de uma identificação com a história contada.

Consideramos nosso projeto dinâmico porque além de não haver um material estudado ainda sobre o futebol amador nas comunidades de Ouro Preto, atualmente a situação em que o campeonato se encontra é delicada podendo haver alterações a qualquer instante, dado que a realização do mesmo está diretamente ligada ao repasse de verbas, pondo em risco uma tradição regional que envolve a cultura esportiva dentro das comunidades ouropretanas. Por isso, o documentário é de grande pertinência porque além de deixar um legado para a cidade que nos acolheu enquanto estudamos, servirá como um dossiê da situação do futebol local.

### 3.1 PRÉ-PRODUÇÃO

Para a pré-produção foi de extrema importância a realização da entrevista com o presidente da Liga Esportiva Ouro Pretana (LEO), Milton Alves Santos, responsável pela realização do campeonato da liga e principalmente da organização e controle burocrático dos times e jogadores filiados a ela. A Liga em si ganhou pouco espaço nas entrevistas e no produto, porém através dela foi possível conseguir adentrar a realidade do futebol amador em Ouro Preto, e então melhor compreender o objeto a ser registrado.

Obteve-se entendimento da parte burocrática de cada time, do funcionamento da liga, da idade dos clubes, títulos conquistados e o contato dos dirigentes. Além de uma breve introdução de como era o futebol amador em Ouro Preto em décadas passadas, de como virou tradição na cidade acarretando nos 70 anos da Liga no ano de 2018; mas principalmente entender o atual contexto que o futebol ouropretano se encontra, perceber que o mesmo está em decadência: a não realização da principal liga, a divulgação quase nula da ocorrência de partidas, dívidas por parte do setor público, extrema dificuldade em manter as atividades do time e a decadência no número de torcedores envolvidos.

A partir desse cenário, intensificou-se o objetivo de registrar os atores sociais e a tentativa de demonstrar a importância do futebol amador para eles; além de criar um registro documental dessa tradição ouropretana que está enfraquecida e passando por mudanças para se adequar aos novos padrões da globalização, e partir disso acalorar o sentimento de prestígio e nostalgia de todos que o futebol da cidade envolvem.

Através do objetivo e dos times previamente escolhidos, definiu-se que a primeira etapa do processo fosse o contato e a realização das entrevistas com os principais representantes de cada clube, para o aprofundamento na realidade analisada e partir disso conseguir ter um primeiro panorama das características do documentário e sua linha narrativa; optando então pela não elaboração e seguimento criterioso de um pré roteiro, dando maior liberdade para o registro dos acontecimentos. Foi também de acordo da equipe a captação da maioria das imagens no período diurno, a fim de estabelecer melhor harmonia no conteúdo visual.

Com a intenção de melhor nos capacitar para a realização do documentário, contatamos Uriel Marques, aluno do curso de Jornalismo da UFOP que possui habilidades na elaboração de conteúdo audiovisual. Através do encontro foram aprendidas técnicas para o

posicionamento das câmeras, de modo que uma focasse na ação geral do personagem, através de uma angulação mais aberta, e a segunda com foco nas expressões faciais do entrevistado. O uso do gravador, ajuste do branco, utilização de iluminação, dicas e conselhos de coisas que geralmente acontecem no processo de gravação foram abordados também.

Foi realizada a elaboração de questionários prévios que buscassem nos nortear nas entrevistas e possibilitar o entendimento da realidade do time e o sentimento por ele por parte dos atores sociais que o envolvem.

Para aprofundarmos nos conhecimentos sobre documentário, e para conhecermos mais técnicas, assistimos a alguns dos filmes e documentários que nos foram indicados. O primeiro que nos aprofunda sobre como que o futebol impacta na comunidade inserida se chama *Les Bleus: Uma história da França* (2016), que conta como que a Seleção Nacional impactou na Sociedade Francesa durante os anos de 1996 - 2016. *Heleno* (2011) foi outro filme que vimos para aprofundar melhor como que eram os primeiros craques antes da era Pelé. Vimos também o documentário “*A Primeira Estrela*” (2019), que mostra como o primeiro jogador negro da seleção, Arthur Friedenreich, teve que superar o preconceito de um esporte elitista que era da época para se consagrar como o primeiro ídolo de futebol de uma nação. Nos dias atuais vemos que a porcentagem de jogadores negros é muito maior devido ao futebol ter se tornado o maior esporte popular do Brasil.

Encontrou-se dificuldades na obtenção de equipamentos no almoxarifado do curso, os quais são emprestados a todas as disciplinas que necessitam da utilização dos mesmos. A indisponibilidade de cabo de microfone para poder acoplar a lapela fez com que pedíssemos um cabo estragado e nós mesmos o consertássemos. A utilização de uma segunda câmera para a captação de uma angulação diferente só foi possível por causa de um dos produtores possuir o equipamento. A partir disso, o próximo passo seria a captação de imagens e entrevistas.

### **3.2 RELATO DE CAMPO**

Ao iniciar a captação de imagens para a construção do documentário, decidiu-se que a primeira entrevista deveria ser feita com Juarez Missias Afonso, conhecido com Jota, jornalista esportivo da rede televisiva Top Cultura, de Ouro Preto, por motivos de simpatizar com a nossa profissão e melhor compreender o amadorismo prévio, além de que qualquer erro

não acarretaria na perda significativa de conteúdo para o produto em relação aos representantes dos clubes. Jota realiza cobertura esportiva da região, principalmente do futebol amador. Acompanha os jogos, filma os melhores lances, entrevista jogadores e representante dos clubes, sendo ele uma figura icônica nas partidas.

Optou-se pela livre escolha do local por parte de Juarez para que ele se sentisse mais à vontade. Concordou-se que a entrevista iria ser realizada no Seminário Arquidiocesana São José, em Mariana, pois Jota garantiu que já havia gravado no local e que era tranquilo de estarmos nos encontrando lá; e que a entrevista só poderia ser depois das 17 horas, único horário que ele se dispunha. Ao chegar no Seminário, o padre responsável autorizou a realização de filmagens somente na parte externa, sendo necessário uma tomada de energia por estar escurecendo e possuímos apenas refletor. O padre não liberou uso de nenhuma tomada, e então, Missias disponibilizou sua própria casa a qual era próxima de onde estávamos para a realização da entrevista. Na casa de Jota, montamos os equipamentos: 2 câmeras fotográficas, 2 tripé para câmera, a iluminação, colocou-se o microfone lapela no entrevistado e ligou o gravador. Pedimos ao Juarez que assinasse o termo de autorização de uso de imagem, ligamos as câmeras e imediatamente a gravação foi interrompida por a câmera principal apresentar a seguinte mensagem “gravação de filme parada imediatamente”. Ao pesquisar na internet, viu-se que o cartão que estava na câmera não conseguia realizar gravações, o que mais tarde no almoxarifado do ICSA, descobriu-se que havíamos pegado a única câmera com cartão antigo.

Com a frustrante experiência da primeira tentativa de gravação, optamos por adiar a entrevista com Jota e realizar gravações de jogo entre Penarol e 8 de dezembro, time do distrital de Cachoeira do Brumado, pela Copa dos Inconfidentes no Estádio da Barra, no dia 12 de maio. Para partida levamos 2 tripés e 2 câmeras a fim de conseguir imagens de corte que complementassem a narrativa a ser construída no documentário. Lances de jogo, torcida, o estádio, a atmosfera e outras cenas correlacionadas. Entramos em contato prévio com Loy, atual técnico do Peñarol, o mesmo nos autorizou a comparecer a campo e filmar o que precisávamos. Ao chegar no estádio, logo foi possível o contato com a chegada de torcedores e na entrada, estava sendo cobrada uma taxa de R\$10. O presidente do Penarol, Michael, que estava próximo, permitiu a nossa entrada não só no estádio, mas também na cabine de imprensa. Passamos juntos com ‘ele’ pelo vestiário e pelo banco de reservas, explicamos para todos o trabalho que estávamos realizando e todos foram solícitos.

Na cabine de imprensa, nos deparamos com Jota na cabine ao lado, que estava cobrindo o jogo. Aproveitamos e fizemos imagens dele que ilustrassem sua rotina de trabalho. Ajustamos o branco (WB) e com uma câmera fizemos imagens de corte, e com a outra acoplada ao tripé, gravávamos o jogo. Com cerca de cinco minutos de bola rolando, nos deparamos com a entrada de dois militares de forças especiais fortemente armados no campo e rendendo um dos jogadores do time que cobríamos durante a partida. Em seguida, houve a entrada de cerca de cinquenta agentes especiais pelas quatro entradas do local. Um drone imediatamente desceu a campo. A câmera de corte estava parada, porém a do tripé captou o início da megaoperação, pois com a entrada dos militares, imediatamente um deles pediu para que abaixássemos a câmera. Sem tempo de reação, ficamos imóveis. O militar então direcionou o fuzil para as cabines e exaltou a fala. Em seguida colocamos as câmeras no chão e observamos todos em conjunto levar o jogador 7 do Peñarol para fora do campo. Não houve tempo de reação. Com a saída de todos agentes, em uma operação que não passou de 10 minutos de duração, decidiu-se que a partida tinha que continuar. O camisa 17 entrou em campo e então continuamos as captações após o ocorrido quando a partida reiniciou.

Durante o jogo foram feitas imagens gerais de cima da cabine, mas também imagens de corte com durações de média de 10 segundos para usarmos durante as falas das pessoas entrevistadas no produto. As imagens foram feitas perto do banco de reservas do time do Peñarol, de trás do gol que ficava à direita da cabine, e também perto da torcida que ficou para assistir o jogo mesmo após o ocorrido no início do jogo.

O jogo acabou em 2 a 2 e após o término da partida, acompanhamos a entrevista de um dos integrantes da comissão técnica juntamente com o jornalista Jota Messias. Ele mencionou em sua entrevista que “perderam” um amigo na partida e que era importante para toda a equipe. Fomos dentro do vestiário após o jogo captar as imagens posteriores à partida, e lá dentro pudemos acompanhar a importância do jogador preso para a equipe. Um dos integrantes até menciona que todos ali não estão por dinheiro e que todos iriam dar o máximo de si para entregar pelo menos um troféu em homenagem aos que estão presos e faziam parte do elenco do time. Após as captações dessas filmagens fomos para casa, onde em uma das câmeras nos deparamos com a cena do jogador sendo preso. Salvamos por um tempo enquanto víamos as imagens restantes presentes no cartão de memória.

Na sexta-feira da mesma semana, dia em que enfim entrevistáramos o jornalista Jota Missias, fomos surpreendidos pela abordagem do produtor do programa Fantástico da Rede Globo de Televisão Evandro Siqueira e do Repórter Maurício Ferraz.

Na indagação do repórter e produtor mencionados, nós tínhamos a filmagem de Sonny Clay Dutra, considerado o maior traficante de pasta base do estado de Minas Gerais, sendo preso pela polícia. Daí nós entendemos que se tratava de uma mega operação o que tinha acontecido cinco dias antes. O produtor tentou de todas as formas ter as imagens, comprar e creditar, comprar e não creditar. A reação que tivemos foi de não repassar o conteúdo, porque primeiramente se trata do nosso material do Trabalho de Conclusão de Curso, em segundo lugar também porque pela periculosidade e pelo grau de importância que aquilo tinha para nós, não era interessante nenhum dinheiro no momento. Maurício Ferraz ainda perguntou se iríamos colocar em nosso trabalho que o time do Peñarol possui três integrantes presos com ligação no tráfico de drogas. É o que estamos fazendo agora.

Missias, ao nos receber em sua casa, logo nos relatou que no dia da partida ainda, a polícia e a equipe do Fantástico compareceram em sua residência em busca das imagens que havia feito do jogo. Perguntamos se ele tinha falado a respeito de nós termos feito imagens do jogo também. Negou. Na conversa concordamos em vários pontos sobre a atitude ética que havíamos tomado. Em seguida, montamos os equipamentos e gravamos uma entrevista que durou cerca de quarenta minutos. Ao subir o material para o drive, reparamos que o áudio da lapela estava ruim e que para próxima entrevista deveríamos melhorar o enquadramento: respeitar melhor o espaço de “dois dedos” acima da cabeça do entrevistado e não colocá-lo muito na diagonal; além de utilizar apenas o gravador de áudio para as entrevistas, pela praticidade.

No jogo das oitavas de final da Copa Ouro Preto de Futebol Amador, o Treze de Maio enfrentou o Belengo Dengo no Campo da Barra. Acompanhamos a partida ao lado dos integrantes da diretoria do time. Inicialmente por ser um jogo de oitavas, o número de pessoas que compareceram no campo deixou a desejar, mas como o presidente do time Wandrey mesmo nos falou, a cada etapa que o Treze avança, mais pessoas começaram a ir prestigiar e apoiar o clube.

O jogo começou quente, com muitos gols, só no primeiro tempo a partida já estava 2 a 2. No segundo tempo o jogo fica mais movimentado, valendo vaga nas quartas de final da competição, os dois times deram o máximo de si para conseguir ganhar. Aos 43 minutos do

segundo tempo, quando o jogo estava três a três, um dos integrantes do time do Bairro São Sebastião resolveu ir para cima do árbitro, que decidiu então só retornar a partida se estivessem policiais em campo. Um dos integrantes da equipe do Treze questionou que se fossem com eles na primeira vez já seria chamada a polícia. Quando os policiais chegaram, o jogo é retomado e, aos 46 segundos do segundo tempo, penúltimo minuto e um dos últimos lances da partida, o Treze de Maio passou a frente e o jogo terminou em 4 a 3. Consigo pegar todos os lances do gol, mas confesso que esse último foi especial, pois eu mesmo fiquei apreensivo pelo resultado e no final eles conseguiram.

Hugo Rocha, um dos dirigentes do Treze de Maio, disse a frase que resumiu o time em todas as fases do campeonato: “Se não for sofrido não é Treze!” O time é um grupo de família que pegou o time para reestruturá-lo e voltar ao futebol ouropretano, assim como era na época de seus pais, a quem lhe devem essa devoção pelo clube, e que com todas as dificuldades financeiras, ainda assim conseguem mantê-lo e fornecer o melhor que conseguem para a comunidade. Uma dessas dificuldades foi com o fato de o próprio Treze ter que trocar de sede, devido ao aumento do aluguel onde ficavam, tiveram que se mudar para a garagem de um amigo, que fica a 100 metros da antiga sede. É um local improvisado, mas ao mesmo tempo todos se enchem de orgulho ao contar cada um dos troféus existentes dentro de uma espécie de altar que possuem para seus prêmios.

Fomos muito bem recebidos pelo clube, principalmente devido à aproximação que um dos integrantes possuiu com a equipe por ser da mesma cidade que eles, Contagem, cidade metropolitana de Minas Gerais. Essa aproximação nos rendeu a entrada ao grupo do Bonde da 13, a torcida organizada do Treze de Maio. Essa entrada foi de suma importância para explicarmos o nosso trabalho e a compreensão de todos dentro de nossas perspectivas perante ao clube. Como resultado, todos os outros jogos foram bem cheios de torcedores do Bonde da 13 e isso nos rendeu ótimas imagens para usarmos no documentário.

Como forma de inspiração vinda do documentário “A Primeira Estrela”, que mencionamos acima, fomos atrás da Orquestra de Ouro Preto para ser deles a nossa trilha sonora que iria compor o trabalho final. Fomos bem recebidos em sua sede e nos passaram uma lista com as principais músicas da Orquestra para assim nos nortear sobre quais obras queríamos usar, dentre eles Vivaldi, Músicas para Cinema, o Pequeno Príncipe, Latinidade e Oito Estações.



Uma das grandes dificuldades que a equipe enfrentou ao longo do trabalho, foi as entrevistas constantemente desmarcadas: por ser um time distrital, o contato com os representantes do Cruzeiro de Cachoeira do Campo se tornou mais restrito; mesmo comparecendo à sede do Aluminas, Marinho, o presidente, adiou três vezes a entrevista; ambos os times não estavam disputando nenhum campeonato no momento, limitando a captação de imagens e fazendo recorrermos a imagens de arquivos. Por parte do Penarol, aguardávamos o melhor momento para voltar a ter contato com o Loy novamente. Visando diversidade de opiniões em nosso produto, a opção mais próxima e foi entrevistar Luiz Gonzaga, jornalista esportivo da rádio Itatiaia de Ouro Preto a mais de vinte anos.

Ao comparecermos à sede da rádio no dia e hora marcados, o entrevistado se atrasou, não se atentando ao horário. Caminhamos para o estúdio onde realizava seu programa diário. Alegou que às 10h30 ele começava a editar o conteúdo que iria apresentar. Isso fez com que montássemos os equipamentos de forma rápida e realizamos a entrevista. Ao final dela, simulamos a sua apresentação na rádio para que tivéssemos imagens de Luiz em seu ofício. Em seguida, pelo documentário tratar do futebol amador da cidade, o radialista nos indagou se sabíamos do acontecido no jogo entre Penarol e 8 de Dezembro. Respondemos que estávamos lá e que os militares tinham pedido para baixarmos nossas câmeras. Luiz em seguida começou a contar o ocorrido para seus colegas da rádio. Nos convidou para entrar no estúdio ao lado, onde Antônio Carlos, radialista mais ouvido e conhecido do município, estava apresentando seu programa. Entramos no estúdio para aproveitar a oportunidade. Antônio Carlos nos cumprimentou e perguntou quem éramos; Gonzaga contou-lhe o ocorrido da fatídica partida e, sem pensar duas vezes, o apresentador apertou o botão ao vivo e começou a falar: “Voltamos agora ao vivo porque aqui no estúdio está Renato e Gabriel, jornalistas da UFOP que estão fazendo seu T.C.C. sobre o futebol amador de Ouro Preto e no jogo do Penarol eles...”. Constrangidos por não termos pronunciado uma palavra com Antônio e o mesmo nos divulgar sem o nosso aval para todos ouvintes da rádio Itatiaia, fez com que permanecêssemos em silêncio. Depois do ocorrido conversamos mais um pouco e encerramos com o entrevistado.

No dia seguinte, a entrevista seria com o Aluminas. Ao chegar à sede, é possível observar a existência de um campo, piscinas, poliesportivo e uma casa onde funciona a diretoria. Nela, cumprimentamos Marinho, que nos disse que quem faria a entrevista conosco era Ronaldo, diretor esportivo e promotor de eventos do clube. Quando Ronaldo chegou,

fomos levados a quadra poliesportiva, mais precisamente na sala de troféus do clube, um cômodo separado apenas para exibir todos os troféus conquistados. Ali, em conversa, foram relatadas diversas histórias do time que nos permitiram um maior conhecimento prévio da equipe. Todos fatores tornavam visível a grandeza do Aluminas. A fim de explorar uma maior variável de ambientações no documentário e conteúdo visual, decidimos gravar no meio da quadra. Pela dificuldade em marcamos uma entrevista, extraímos ao máximo o conteúdo que julgamos ser necessário, fazendo com que ela tivesse maior duração. Ao seu término, um membro da equipe começou a fazer imagens de corte do local, enquanto o outro ficou conversando com Ronaldo. Diversas falas de grande conteúdo foram ditas após desligarmos a câmera, porém é de compreensão que em frente às câmeras as pessoas agem de forma diferente.

Wandrei, dirigente do 13 e Maio, convidou-nos para acompanhar o 13 de Maio antes, durante e pós jogo, que ocorreu pelas quartas de finais da Copa Ouro Preto no Campo da Fábrica. Dada a oportunidade de aprofundar e conhecer melhor a realidade analisada, além de contar com imagens de um estádio diferente, deslocamos para o Bar do Leitão, ponto de encontro de toda comunidade, dentre todos eles: torcedores, jogadores, dirigente e todos que possuem afeição pelo clube. Hugo e Wandrei nos convidaram para entrar na casa ao lado, onde alguns membros estavam bebendo, outros comendo e os demais estavam organizando os preparativos para a partida: dentro de uma mala, estavam todos os uniformes dos jogadores. Em um saco, bolas marcadas com o número 13 para demonstrar a posse. Bandeirões foram guardados nos carros. Caixa de foguete no canto. Um estava fazendo o famoso “suco do Palhaço”: vodka e suco misturados em um galão de vinte litros. Todos estavam devidamente uniformizados dos pés a cabeça. Ao terminarem, fomos para os carros, seguimos diretamente para o Campo da Fábrica. Ao chegar, logo na entrada, havia uma barra de espetinho e carne com uma grande fila e aglomerado de pessoas em volta. Vendedores de picolés passavam de um lado para o outro. Crianças correndo e soltando pipa. Cada vez mais pessoas chegando ao local, enchendo as arquibancada e aos arredores do estádio. Tivemos a permissão de entrar no vestiário do 13. Fizemos imagens do aquecimento e do local. Perguntamos aos árbitros que ali perto estavam, se alguém ou conhecido se dispunha a gravar conosco a fim de obter o ponto de vista da arbitragem a respeito do futebol amador. Um homem mais velho que não estava uniformizado se prontificou a gravar, porém em conversa particular, optamos por não

entrevistar-lo por não ser parcial em suas conversas sobre a prefeitura e sobre o então governante da cidade.

A partida iniciou-se e começamos a gravá-la de diversas angulações. Chegando próximo ao seu final, decidimos que um ficaria atrás do gol do time adversário ao Treze, e outro estaria do lado da torcida, para caso saísse o gol, teríamos registrado a reação de dois lugares diferentes. Dito e feito: no último lance da partida, o 13 de Maio fez um gol que o classificou para as semifinais. A festa começou no campo e se estendeu até o Bar do Leitão, houve uma passeata com os bandeirões no caminho. Chegando lá, nos ofereceram feijoada, refrigerante e cerveja. Fizemos uma gravação da rua e ambas baterias das câmeras haviam acabado. Aproveitamos então para nos aproximarmos da comunidade e amantes do clube 13 de Maio. A maioria presente se interessava pelo trabalho que realizávamos e fizeram questão de nos relatar o amor ao time. Nesse dia criamos uma maior confiança com todos que o clube envolve. A única fatalidade foi reparar ao chegar em casa, que uma das câmeras não estava captando áudio, não sendo possível a escuta da torcida no momento do gol. Em meio a conversa com um dos dirigentes, perguntamos qual equipe o 13 de Maio iria enfrentar nas semifinais e quais times estavam na outra chave. Curiosamente, descobrimos que o time do Penarol poderia ser o adversário do Treze na final, dando a certeza absoluta, de realização de imagens de conquista de título.

Após frustradas tentativas de gravação com os dirigentes do Penarol e Cruzeiro, nos restou comparecer no Estádio da Barra para acompanhar as partidas da Copa Ouro Preto 2019. Fomos sem o compromisso de captar diversas imagens as quais já possuímos como: torcida, lances de jogo, vestiário, entre outros. Aproveitamos para fazer imagens de uma das partidas do alto do Morro da Força, local que possui visão privilegiada do campo. Já em campo, cumprimentamos todos integrantes do Penarol, e o desejamos boa sorte. A partida ficou 2 a 1, gol de falta no último lance. Aproveitamos e fizemos algumas imagens que não tínhamos, como o time do Peñarol guardando sua bandeira por exemplo, e também de Jota, que estava no local. Em seguida aconteceria o jogo do 13. Cumprimentamos e conversamos com todos, durante o primeiro tempo ficamos no meio da torcida organizada, sendo possível capturar mais uma imagem de gol e também mais uma comemoração da torcida. Ao ver que os ânimos dos torcedores se exaltavam, decidimos assistir o final da partida das cabines de imprensa. Ao final do dia, o 13 de Maio ganhou e a final da Copa Ouro Preto se desenhou

com dois clubes que escolhemos acompanhar, o que garantiu que nosso produto contasse com cobertura do pré, da final e do pós, além de documentar o título de um dos clubes.

Para a cobertura da final, requisitamos uma bateria reserva, pois era de ciência que a bateria durava em média uma partida de futebol e precisaríamos cobrir também a comemoração do time vencedor. Discutimos estratégias para melhor captação de imagens da partida e eventualidades que poderiam ocorrer ao longo da mesma, visto que todas as pessoas importantes para o futebol amador estariam no local. Foi de acordo que um de nós focaria em um time diferente durante toda a partida e que usaríamos camisetas de cores neutras, para não mesclar juntos as cores dos times participantes da final.

Ao chegarmos no Estádio da Barra, acontecia a disputa do terceiro lugar entre Real Santa Cruz Futebol Clube contra Nacional de Antônio Pereira. Enquanto a partida acontecia, fomos cumprimentar a diretoria do Penarol que enchia bexigas para recepcionar o time na entrada do jogo. Saudamos todos, desejamos boa tarde e ao pegar a câmera fotográfica para iniciar as gravações, fomos reprimidos por integrantes da torcida do time, os quais alegaram de não querer câmeras por perto e que não filmasse o rosto de ninguém. Saímos do local e fomos em direção a torcida no Treze de Maio, ao cumprimenta-los, percebemos um clima mais tenso devido a expectativa que a partida proporcionaria. Devido a não usual recepção de ambos os times, concordamos em cobrir o jogo do lado de dentro do campo. Observamos antes da partida iniciar diferentes angulações possíveis para que pudéssemos captar tanto os lances que ocorreriam, quanto os atores sociais pertencidos ao tema, incluindo a torcida.

Após adentrar para a cabine de transmissão para iniciar as gravações, os times saíram dos vestiários e se agruparam no centro do campo para a realização da cerimônia de encerramento da Copa. Tocado o Hino Nacional a partida iniciou. Gravamos todas as cenas de conteúdo que utilizaríamos no documentário. A partida terminou em 1 a 0 para o Treze de Maio.

A comemoração foi dentro do campo onde conseguimos captar as melhores imagens da relação entre torcida e time. A entrega das medalhas e dos troféus para ambos os times foi a junção de vários atores sociais pertencentes ao documentário na mesma cena. No momento em que o Treze foi levantar a taça, a bateria da câmera que estava no local acabou, com isso, perdemos o momento em que o time vencedor levantou a taça, momento em que aguardávamos para usar em nosso produto.

Ainda com uma bateria restante que pegamos de prevenção, seguimos para a comemoração no bairro Piedade, sede da equipe campeã. Quando chegamos ao local, fomos muito bem recepcionados pela comunidade que ocupava a rua da sede do time. A festa em comemoração do título foi financiada por membros do bairro. Captamos imagens da comemoração e quando iríamos embora, o presidente Wandrey do Treze distribuiu sinalizadores para vários integrantes da torcida organizada do clube, todos então começaram a cantar músicas do clube. A partir destas imagens, obtivemos material suficiente para contar a história da final da segunda Copa Ouro Preto de Futebol Amador.

Faltava então as entrevistas com os representantes do Penarol e do Cruzeiro do Sul para finalizarmos a análise do trabalho. Entramos em contato mais uma vez com Adel Calisto, presidente do Cruzeiro, e obtivemos sucesso. A entrevista foi marcada para o período da tarde, pois Edmilson Loy do Penarol afirmou que na noite do mesmo dia poderia nos conceder a entrevista. Com o objetivo de finalizar a captação de imagens e sem mais delongas, confirmamos as entrevistas para o mesmo dia, na qual uma iria ocorrer no distrito de Cachoeira do Campo. Ao chegarmos no estádio do Cruzeiro, fomos recepcionado pelo zelador do campo. Notou-se a existência de um campo de futebol, uma quadra, vestiários, bares, cabine de transmissão, arquibancada e bebedouros, todos em bom estado. Em minutos Adel chegou ao recinto, nos contou uma breves histórias do clube e as atividades por ele exercidas. Com o propósito de demonstrar a grandeza do clube, decidiu-se filmar em uma área aberta com o campo de fundo. A dificuldade encontrada em meio às gravações, foi a constante mudança na iluminação por parte do sol, influenciando diretamente o equilíbrio de branco da câmera. Quase ao final da entrevista, o cartão de uma das câmeras corrompeu, o que impossibilitou a captação do término da entrevista de uma das câmeras. Em seguida, realizamos imagens de tudo que envolvia o time do cruzeiro ali representados. Calisto então nos deixou na rodoviária e seguimos para Ouro Preto.

A noite entrevistamos o último ator social do documentário. Com os equipamentos montados, antes de iniciar a gravação, houve uma conversa com Edmilson Loy que nos fez perceber melhor a realidade sociopolítica da cidade. Ao término da filmagem e conclusão das captações para o produto, foi possível o melhor entendimento da realidade a ser documentada e por conseguinte, imaginar uma linha narrativa a ser realizada que contasse fielmente a realidade observada.

Para a edição, instalamos o Adobe Premiere nos nossos dois computadores com o intuito de iniciar a parte final do trabalho. Dividimos em 10 sequências que contariam o mundo no qual observamos. Dividimos em 5 cenas para cada e assim poderemos avançar de forma mais rápido a parte de edição, visto que nosso tempo era curto para finalizá-lo. Optamos em utilizar apenas músicas locais para que o produto criasse maior identidade com a região. Foi de decisão relatar a prisão de Sonny Clay de forma que não mostrasse sua identidade e não envolvesse o Penarol, para que não fosse omitido algo grandioso que ocorrera e que faz parte da atmosfera analisada ao mesmo tempo que não comprometesse ninguém. Seleccionamos frases e histórias documentadas, colocamos em uma sequência onde criou-se um arco narrativo de forma elíptica, onde o clímax do filme construiu-se na grande final.

Nosso orientador nos aconselhou a procurar alguém que tivesse maior experiência em edição para nos nortear de como fazer o produtor ser dinâmico e direto, ao mesmo tempo que contasse toda a história documentada. Entramos em contato com Fabiano Souza, editor de vídeo da Prefeitura Municipal de Ouro Preto, e o mesmo nos acompanhou no final da parte de edição a partir do momento em que fora chamado, fazendo também a edição final do trabalho.

## REFERÊNCIAS

BENITES, Luiz Felipe Rocha. Cultura e Reversibilidade: breve reflexão sobre a abordagem “inventiva” de Roy Wagner. In: **Campos - Revista de Antropologia**, dez. 2007. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/11170>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

BLOCK, Bruce. **A narrativa visual: criando a estrutura visual para cinema, TV e mídia digitais**. São Paulo: Elsevier, 2010.

BOSCO, João. **A entrevista: teoria e prática**. São Paulo: Pioneira, 1974.

CARVALHAL, Antônio Carlos de Oliveira. **Comunicação comunitária: uma releitura dos principais conceitos**. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.

DANCYGER, Ken. **Técnicas de edição para Cinema e Vídeo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

FRANÇA, Andréa. O cinema entre a memória e o documental. In: **Revista Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 19, p. 1-14, julho/dezembro 2008.

IBGE. **Práticas de esporte e atividade física: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2015**. Rio de Janeiro : IBGE, 2017.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LEMOS, André. **A comunicação das coisas: Teoria ator-rede e cibercultura**. São Paulo: Annablume, 2013.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus, 2005.

PIMENTA, Rosângela Duarte. **Desvendando o jogo: futebol amador e pelada na cidade e no sertão**. Recife. Tese (doutorado), Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Sociologia, 2009.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós-produção**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal, o que é mesmo documentário?** São Paulo: Senac SP, 2008.

SILVEIRA, Fabio Figueirinha; REIS, Fabio Henrique dos Santos; RIBEIRO, Paulo Roberto; BACCO, Thaisa Sallum. Videodocumentário e memória: relações e reflexões. In: **Anais do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste** – Belo Horizonte – MG. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2018/resumos/R63-0831-1.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2018.